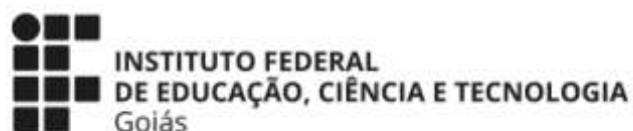


AMADEU MONTEIRO NASCIMENTO JUNIOR



**CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR E O
ENSINO DE QUÍMICA EM ESCOLAS NA CIDADE DE
ANÁPOLIS**

**ANÁPOLIS
2014**



INSTITUTO FEDERAL
GOIÁS
Câmpus Anápolis

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE GOIÁS
CÂMPUS ANÁPOLIS

Termo de Autorização para Disponibilização do Trabalho de Conclusão de Curso na Biblioteca do IFG – Câmpus Anápolis

Eu, Amadeu Monteiro Nascimento Júnior, portadora do RG. nº 4129167, Órgão Expedidor DGPC-GO, inscrita no CPF sob nº 91619114100, domiciliada na Rua Formosa Qd J Lt 08, bairro Joanópolis, na cidade de Anápolis, matriculado no curso de Licenciatura em Química, nº de matrícula 20101060020302.

Na qualidade de titular dos direitos de autor que recaem sobre o meu Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado **Condições de Trabalho do Professor e o Ensino de Química em Anápolis**. Defendido em 03 de Julho de 2014, autorizo o Instituto Federal de Goiás a disponibilizar gratuitamente a obra citada, sem ressarcimento de direitos autorais, para fins de leitura, impressão e/ou downloading pela internet, a título de divulgação da produção científica gerada pela instituição, a partir desta data.

Estou ciente que o conteúdo disponibilizado é de minha inteira responsabilidade.

Amadeu Monteiro N. Junior

Assinatura do(a) autor(a)

Anápolis, 13 de Agosto de 2016.

AMADEU MONTEIRO NASCIMENTO JUNIOR

**CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR E O
ENSINO DE QUÍMICA EM ESCOLAS NA CIDADE DE
ANÁPOLIS**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao curso de Licenciatura em Química do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – Campus Anápolis, como requisito parcial para conclusão de curso.

Orientador: Prof. Me. Neville Julio de Vilasboas e Santos

**ANÁPOLIS
2014**

FICHA CATALOGRÁFICA

N244 Nascimento Júnior, Amadeu Monteiro
Condições de trabalho do professor e o ensino de Química em
escolas na cidade de Anápolis. /Amadeu Monteiro Nascimento
Júnior. -- Anápolis: IFG, 2014.
40 p: il.
Inclui CD- Rom.

Orientador: Profº Me. Neville Julio de Vilasboas e Santos

Monografia de Conclusão do Curso de Licenciatura Plena em
Química, Instituto Federal de Goiás, Campus Anápolis, 2014.

1. Química – Estudo e Ensino – Anápolis – Goiás - Brasil.
2. Professores – Condições de Trabalho - Brasil.

I. Título.

CDD 540.7

Código 011.2014

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Claudineia Pereira de Abreu,
CRB-1/1956.

Biblioteca Clarice Lispector, Campus Anápolis
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

AMADEU MONTEIRO NASCIMENTO JUNIOR

CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR E O ENSINO DE QUÍMICA EM
ANÁPOLIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Departamento de Química do Instituto Federal de Goiás
– IFG – Câmpus Anápolis, como parte das exigências
do curso de Licenciatura em Química para obtenção do
título de licenciado em Química.

Área de concentração:

Aprovada em 03 de 07 de 2014

Yeville Jéssica de Sales dos Santos

Prof(a). Orientador(a)
IFG – Câmpus Anápolis

Thiago Cardoso de Deus

Prof.(a).
IFG – Câmpus Anápolis

Claudia Ivelina dos Santos (maio)

IFG - Câmpus Anápolis
Prof.(a).
Nome da Instituição

Anápolis - Goiás - Brasil
Julho/2014

RESUMO

O trabalho era visto como uma tarefa difícil, dolorosa e humilhante. Nesta época eram poucas as pessoas que trabalhavam. Depois do Renascimento o trabalho passou a ser considerado como uma autorealização humana, pois favorecia o desenvolvimento tornando-se assim uma necessidade para sua liberdade. Na tentativa de relacionar as condições de trabalho do ponto de vista da educação, faz-se necessário observarmos a atuação do professor como um profissional que trabalha diretamente às relações humanas. Nesta análise, ficaremos restritos ao trabalho do professor, tendo em vista as condições nas quais é realizado e a maneira como se constroem diferentes representações. As condições de trabalho do professor apontam para um norte que os próprios pesquisadores chamam de mal-estar docente. Este mal-estar se caracteriza por manifestar o descontentamento profissional em relação à indisciplina, baixa remuneração, desinteresse dos alunos, e alto nível de estresse dos docentes.

Palavras – Chave: condições de trabalho, professores, remuneração.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO.....	05
2 – AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR E O ENSINO DE QUÍMICA.....	09
3 – MÉTODO E ESTRATÉGIA DE PESQUISA.	15
4 – AS CONDIÇÕES DE TRABALHO DO PROFESSOR E AS REPRESENTAÇÕES DO ENSINO.....	17
4.1 – A VISÃO DO DIRETOR EM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE TRABALHO E AO ENSINO DE QUÍMICA.....	17
4.2 – A VISÃO DA COORDENAÇÃO EM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE TRABALHO E AO ENSINO DE QUÍMICA.....	20
4.3 – A VISÃO DOS PROFESSORES DE QUÍMICA EM RELAÇÃO ÀS CONDIÇÕES DE TRABALHO E AO ENSINO DE QUÍMICA.	23
4.4 – ÀS CONDIÇÕES DE TRABALHO E O ENSINO DE QUÍMICA NA ESCOLA SEGUNDO A VISÃO DOS ESTUDANTES.	28
5 – CONCLUSÃO.	30
6 – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.,	32
7 – APÊNDICE	34

1 – Introdução

Na antiga Grécia o trabalho era visto como uma tarefa difícil, dolorosa e humilhante. Nesta época eram poucas as pessoas que trabalhavam. Depois do Renascimento o trabalho passou a ser considerado como uma auto-realização humana, pois favorecia o desenvolvimento tornando-se assim uma necessidade para sua liberdade.

Observando o trabalho podemos identificar duas situações correlacionadas. De um lado temos uma visão negativa que caracteriza o trabalho como fardo pesado, humilhação, e fadiga, herança da concepção grega do trabalho, e de outro lado uma visão positiva, que identifica o trabalho com “dignidade”, sendo esta percepção herdeira do Renascimento e também do Iluminismo. Na atualidade, como é possível perceber, vigora a representação renascentista do trabalho, que o identifica com a honra e a dignidade, e que também provém o sustento. Sendo assim, o trabalho possibilita o desenvolvimento e autoriza o ser humano a construir sua própria identidade na história.

Na tentativa de relacionar as condições de trabalho do ponto de vista da educação, colocaremos em foco a afirmativa de Morin (2000):

“A educação deve favorecer a aptidão natural da mente e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral. Este uso total pede o livre exercício da curiosidade, a faculdade mais viva durante a infância e a adolescência, que com frequência a instrução extingue e que, ao contrário, se trata de estimular ou, caso esteja adormecida, de despertar” (p. 39).

Para Morin (2000) a educação esta incumbida de propiciar a inteligência geral, favorecendo a construção de conhecimentos em direção à consolidação de um conhecimento vasto e complexo.

Diante das afirmativas mencionadas acima, faz-se necessário observarmos a atuação do professor como um profissional que trabalha diretamente com as relações humanas, um profissional que rege uma sala de aula promovendo um envolvimento pessoal com os alunos. Nesta análise, ficaremos restritos ao trabalho do professor, tendo em vista as condições nas quais é realizado e a maneira como se constroem diferentes representações desse trabalho, especialmente por alunos, professores e gestores escolares. O objeto da investigação é a atuação do professor de química na educação básica.

Até pouco tempo, o professor era tido como aquele que, sendo portador do conhecimento, deveria repassar o que sabe em sala de aula para seus alunos, utilizando

livros repassados pela secretaria de educação. Essa lógica da transmissão está na base da pedagogia tradicional. Com o passar dos anos, com a crítica a esse tipo de educação, e uma vez que outros métodos de ensino se tornavam necessários, novas formas de atuação do professor passaram a ser buscadas.

Sabe-se que o trabalho na educação é uma prática que vai se aperfeiçoando com o passar dos tempos, pois é um processo que envolve interações entre professores e alunos, assim como as condições nela inseridas, é um processo dinâmico, o qual necessita de uma constante renovação no processo ensino-aprendizagem.

Inserido nesta prática temos crenças, encontros e desencontros, sonhos e realidades, no qual o professor é um mediador, não podendo ser meramente um reproduzidor de conhecimentos.

A docência é vista como uma “chave” de ligação entre o ensino e o cotidiano de cada aluno dentro de uma escola. Mas, esta tarefa não é a das mais fáceis, visto que, existem vários fatores que dificultam esta relação entre o conhecimento e o cotidiano.

Vivenciamos muitas mudanças que ocorreram na sociedade como um todo, e esta transformação chegou também na esfera educacional interferindo na vida e na atividade profissional do professor. Dentre estes fatores estão: condições de trabalho, remuneração, metodologia utilizada, espaço físico, recursos utilizados, evasão escolar, desinteresse dos alunos e/ou professores, repetência, entre outros.

Os estados e municípios elaboram os conteúdos a serem ministrados em cada nível e série. Assim, o professor recebe no começo do ano letivo todo o programa teórico que deverá ser seguido durante as aulas. Diante deste, ele busca formas para melhorar o ensino e contextualizar o programa proposto. Assim como cita Licciard (2011)

“De um modo geral, na maioria das instituições, o professor recebe um conteúdo programático para aquele semestre letivo referente à disciplina ou disciplinas que irá ministrar. A partir deste momento, o professor organiza o cronograma que pretende seguir no período, visando cumprir o conteúdo programático. Decide sobre a metodologia a ser utilizada para transmitir cada conteúdo; opta sozinho ou em conjunto com outros docentes acerca do material de apoio” (p.127)

O trabalho do professor não se limita somente à sala de aula, ele também se preocupa com elaboração de provas e trabalhos, em seu aperfeiçoamento profissional, preenchimento de diários, convive com o contexto social e histórico de cada aluno ali presente, decide sobre metodologias de ensino para melhorar o processo de ensino e aprendizagem relacionando com os materiais que utilizará como apoio pedagógico.

Com a ampliação das responsabilidades das escolas, associadas a uma sobrecarga de trabalho e a precariedade crescente do trabalho docente, muitos professores acabam se sentindo desestimulados, desmotivados e sobrecarregados com as condições de trabalho. Lourencetti (2004) citado por Dias da Silva e Fernandes (2006, p.3) confirma a ampliação da responsabilidade das escolas e o que isso traz de negativo ao trabalho do professor na seguinte afirmação:

Decorrente da ampliação do papel docente parece que estamos diante de uma mudança na especificidade do trabalho docente desses professores: se, nos períodos anteriores, a escola secundária tinha o conhecimento como foco central, hoje essa idéia parece opaca, visto que em alguns momentos os professores até "abrem mão" do acadêmico para suprir aquilo que as famílias e a sociedade não oferecem a seus jovens alunos (LOURENCETTI, 2004, p.144, *apud* DIAS DA SILVA e FERNANDES, 2006).

A partir dos anos 80, uma constante provocação vem afetando os profissionais de todas as áreas de educação, no sentido de tornar o ensino mais atraente e interessante para os alunos, assim como promover a ligação entre este conhecimento construído com o dia-a-dia do aluno, principalmente no ensino fundamental e médio. Assim como cita MORIN (2000, p.36) nesta fase:

Existem inadequações cada vez mais amplas, profundas e graves entre, de um lado os saberes desunidos, divididos, compartimentados e de outro as realidades de problemas cada vez mais multidisciplinares, transversais multidimensionais,... (p.36).

Uma contribuição significativa para este crescimento constante de educadores que abandonam a docência e procuram outra área de atuação é o fato de que hoje as escolas funcionam como as indústrias, onde o professor é o operário, e a educação a mercadoria, ou seja, se está procurando um ensino de qualidade e uma instituição que leva a sério a educação, é preciso pagar e às vezes este valor é alto, assim como uma mercadoria na loja. Com isso as escolas começaram a exigir mais dos professores em relação ao ensino mas não disponibilizaram as “ferramentas” necessárias para o professor trabalhar de forma mais branda e sem sobrecarga, e este processo fez com que a educação passasse por transformações e estas acabaram acarretando problemas dentro da sala de aula no que diz respeito à qualidade do ensino, e também na vida do professor. Como cita Licciard (2011)

A transformação da educação em um produto, e o modelo adotado pelas instituições de ensino particulares transformou o professor em um operário, o que tem causado uma série de problemas, tanto na qualidade do ensino, como relativos à saúde mental do professor (p.128).

Com a democratização e obrigatoriedade do ensino, houve um grande aumento no número de alunos, mas a qualificação do quadro de professores parece não ter acompanhado este crescimento, o que acarreta uma contraditória defasagem. Experiências negativas de trabalho dos profissionais da educação com frequência se relacionam com suas condições de trabalho, trazendo com isso uma desmotivação por parte deles e uma considerável diminuição no status de professor.

Algumas pesquisas têm sido realizadas com relação ao que pode influenciar negativamente o desenvolvimento ou crescimento profissional do professor. Iremos assim fazer algumas considerações em relação ao ambiente de trabalho que afetam este desenvolvimento. Estes fatores estão ligados a duas perspectivas: a prática docente e aos aspectos da equipe escolar relacionadas ao funcionamento da escola.

Dentro de um currículo pré-definido, o professor tem autonomia relativa para desenvolver sua prática pedagógica, optando por uma metodologia de ensino, definindo formas de motivar os alunos, ou seja, ele tem uma autonomia de como trabalhar dentro de seu espaço de trabalho. Mas ele depende indiretamente da escola, pois é através da estrutura que ele tem a seu favor, e é por esta estrutura, que o professor prepara sua aula. Para citar um exemplo, como o professor pode planejar uma aula prática de química se a escola não disponibilizar um laboratório para tal aula? Olhando por outro lado, esta liberdade relativa para trabalhar não é somente um “mar de rosas”. O trabalho do professor, apesar de permitir a criatividade, torna-se, com o tempo, uma tarefa rotineira.

Acredito que alguns profissionais da área da educação como professores, por exemplo, considera que muitas mudanças podem acarretar uma tarefa a mais na sua agenda e sobrecarregar ainda mais sua função, pois os mesmos consideram seu trabalho sem fim, e o enxergam como um trabalho excessivamente pesado. O reconhecimento em relação ao esforço do professor por qualquer parte envolvida neste contexto, seja o aluno, diretor da escola, pais e até mesmo a comunidade, é fundamental para o seu desenvolvimento. Diante de uma situação de reconhecimento, os professores tendem a se ver motivados a procurar novas ferramentas para melhorar seu desempenho dentro de sala de aula e trazem com isso melhorias que podem ser utilizadas dentro e fora da escola.

Este trabalho tem como finalidade encontrar uma relação que venha explicitar se o ambiente de trabalho dentro de uma escola facilita ou prejudica o trabalho do professor, e que medidas são tomadas para melhorar a relação entre aluno e professor no ambiente de trabalho.

2 - As condições de trabalho do professor e o ensino de química

As condições de trabalho do professor vêm sendo utilizadas como base de pesquisa para vários trabalhos, que apontam para um norte que os próprios pesquisadores chamam de mal-estar docente. Este mal-estar se caracteriza por manifestar o descontentamento profissional em relação à indisciplina e desinteresse dos alunos, baixa remuneração e alto nível de estresse dos docentes.

O alto número de licenças médicas relacionadas ao mal-estar docente é um fator que reflete os efeitos negativos que atingem a subjetividade do docente, resultado das condições psicológicas e sociais envolvidas no seu desempenho.

A qualidade dos cursos de formação não acompanhou a democratização do ensino, devido ao ritmo acelerado com que se deu o aumento de escolas, professores, e alunos. Pelas constantes transformações da sociedade, constatou-se um aumento nas responsabilidades dos docentes, e ao mesmo tempo a tecnologia sofria suas transformações inclusive no meio das comunicações interferindo na figura e na importância do professor. E como esta tecnologia interfere na educação e na figura do professor? Atualmente estas tecnologias estão invadindo as escolas, e com isso os professores se veem obrigados a competir com estas informações e isso interfere no cotidiano do professor uma vez que ele tem que buscar alternativas cada vez mais difíceis para buscar a atenção do aluno presente em sala de aula, ou até mesmo usar esta tecnologia a seu favor buscando conciliar a educação escolar com a tecnologia.

Como as questões que são postas para a sociedade se tornam mais complexas a cada dia, os métodos e as técnicas de ensino passam a exigir novas abordagens, e diante destes desafios o docente nem sempre consegue responder a altura. Somando a isso temos as condições da sala de aula, gerando assim o mal-estar docente.

As políticas internacionais adotadas no âmbito da educação pelas políticas brasileiras prejudicam as escolas básicas por condições econômicas e sociais, influenciando diretamente na precarização do trabalho do professor, assim como cita um trecho da Declaração de Jomtien publicado na Unesco:

o mundo tem que enfrentar um quadro sombrio de problemas, entre os quais: o aumento da dívida de muitos países, a ameaça de estagnação e decadência econômicas, o rápido aumento da população, as diferenças econômicas crescentes entre as nações e dentro delas, a guerra, a ocupação, as lutas civis,

a violência, a morte de milhões de crianças que poderia ser evitada e a degradação generalizada do meio-ambiente. Esses problemas atropelam os esforços envidados no sentido de satisfazer as necessidades básicas de aprendizagem, enquanto a falta de educação básica para significativas parcelas da população impede que a sociedade enfrente esses problemas com vigor e determinação. Durante a década de 80, esses problemas dificultaram os avanços da educação básica em muitos países menos desenvolvidos. Em outros, o crescimento econômico permitiu financiar a expansão da educação, mas mesmo assim. Milhões de seres humanos continuam na pobreza, privados de escolaridade ou analfabetos. E em alguns países industrializados, cortes nos gastos públicos ao longo dos anos 80 contribuíram para a deterioração da educação. (UNESCO, 1998)

A partir dos anos 90, as políticas educacionais citadas no Plano Nacional de Educação exigiram mudanças no currículo e na própria formação do docente. Mecanismos utilizados para intensificar o acúmulo de capital como globalização e o liberalismo, influenciaram na atuação do trabalho do professor, assim como no que é ensinado nas escolas. Assim, o ensino se torna desconectado e fracionado, trazendo como consequência a perda de significação para o aluno.

O trabalho do docente é afetado por mudanças como empobrecimento, precarização e proletarização, devido à inoculação de novas tecnologias da acumulação flexível que exigem um trabalhador multifacetado, aquele que tem muitas atribuições, características, e funções, típicas do sistema toyotista de produção. Por outro lado, o trabalho docente ainda guarda também características do modelo de produção anterior, o fordismo, pois temos na educação algumas características que indicam a utilização deste modelo, assim como cita André Michael:

a presença do modelo taylorista-fordista, oriundo do processo industrial das fábricas e caracterizado pela racionalização, planejamento, formalização, mecanização, divisão do trabalho, produção de massa, centralização, dentre outras, tendo-se inúmeras influências na gestão educacional do país. Influências essas que podem ser observadas nos programas para a educação do Governo Federal, através da burocratização, pelo desenvolvimento em massa, muitas vezes sem o devido planejamento, resultando em ações isoladas com nenhuma eficiência e eficácia, resultando na fragmentação desses programas, onde os mesmos não conseguem atingir e transcender os seus objetivos.

Os professores são limitados apenas a transmitir as informações, enquanto decorre um discurso enriquecendo a inovação pedagógica, a criatividade, e a pesquisa. Alguns fatores mostram que há um processo de reestruturação, intensificação, e flexibilização do trabalho docente, uma vez que a qualidade da educação depende em boa medida da condição de trabalho do professor.

O trabalho do professor tem algumas características do trabalho capitalista como o assalariamento, por exemplo, mesmo que o professor não produza uma mercadoria. No caso das escolas particulares que visam o lucro, a educação pode ser tratada como uma mercadoria.

Após a edição da lei conhecida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação número 9.394 de 1996, a comunidade de pesquisa na área de ensino, principalmente a voltada para química preocupou-se com a formação e com a permanência de professores de química no setor público em um mercado de trabalho que paga baixos salários.

Um dos fatores que preocupam os poucos professores atuantes na educação básica é a desvalorização de sua vida tanto de cunho profissional quanto social, acarretando com isso uma migração para outras áreas, e como resultado provável, o desinteresse de futuros licenciados na profissão. Assim como cita Damasceno et al. (2011)

Um dos fatores que preocupam o escasso número de docentes que atuam na rede básica de ensino é a desvalorização profissional e social, o que acaba por levar profissionais graduados da área a atuarem em outros ramos profissionais, com um conseqüente desinteresse de futuros candidatos aos cursos de licenciatura, aumentando ainda mais esse problema (DAMASCENO *et al.*, p.1666, 2011).

O trabalho do professor presume um equilíbrio entre as condições subjetivas e objetivas, onde as primeiras dizem respeito à formação do professor e a segunda abarca a organização, a gestão e a participação no planejamento e execução das atividades escolares.

Enquanto as condições subjetivas sofrem críticas consideráveis e a condição objetiva não acompanha a urgência de melhoria na qualidade de ensino, o profissional não enxerga perspectivas de melhorias na sua condição de trabalho. Segundo a citação de Quadros et. al (2006), Basso responde a seguinte pergunta: o que incita ou motiva o professor a realizar seu trabalho?

Este motivo não é totalmente subjetivo (interesse, vocação, amor pelas crianças, etc), mas está relacionado à necessidade real instigadora da ação do professor, captada por sua consciência e ligada às condições materiais ou objetivas em que a atividade se efetiva. Essas condições referem-se aos

recursos físicos das escolas, aos materiais didáticos, à organização da escola em termos de planejamento, gestão e possibilidades de trocas de experiência, estudo coletivo, à duração da jornada de trabalho, ao tipo de contrato de trabalho, ao salário, etc. Quando essas condições objetivas de trabalho não permitem que o professor se realize como gênero humano, aprimorando-se e desenvolvendo novas capacidades, conduzindo com autonomia suas ações, criando necessidades de outro nível e possibilitando satisfazê-las, ou seja, ‘que, portanto, ele não se afirma, mas se nega em seu trabalho, que não se sente bem, mas infeliz, que não se desenvolve energia mental e física livre, mas mortifica a sua physis e arruína a sua mente (Marx, 1984, p. 153)’, este trabalho é realizado na situação de alienação (BASSO, 1998, p. 7, *apud* QUADROS ed. al., p.81, 2006).

Constantemente ouvem-se reclamações de professores relatando situações vividas pelos mesmos que vão provocando uma desmotivação tanto no trabalho que realizam quanto na profissão em si. Incluem-se como as situações mais comuns os baixos salários, indisciplina e desinteresse dos alunos, a crescente violência dentro da sala de aula, e os poucos investimentos em relação à educação. Tudo isso tende a diminuir significadamente a condição profissional do docente.

Como a profissão de professor esta além de somente ensinar, isto acaba trazendo consequências para a sua saúde. Atualmente, um dos problemas que vem atingindo os professores é a chamada Síndrome de Bornout. Esta é uma síndrome ligada ao stress causado pela sobrecarga sofrida pelo professor no seu dia-a-dia. Esta síndrome tem seus efeitos por um longo período de tempo e está diretamente ligada à pressão sofrida pelos professores no seu ambiente de trabalho. Ela é fruto de três perspectivas relacionadas, mas independentes umas das outras, que são: desgaste mental (desmotivação; frustração), despersonalização (apatia emocional), e o desapontamento profissional (infeliz e insatisfeito profissionalmente).

A (Organização Internacional do Trabalho) (OIT), ao confirmar que o professor ocupa um lugar central na sociedade, determinou as condições de trabalho mínimas que basicamente permitem um ensino eficaz. Até os anos 60, a maioria dos professores desfrutou de empregos estáveis e de uma influência social. A partir da década de 70, o aumento das exigências da sociedade por segurança social, causou uma expansão do funcionalismo e de serviços públicos gratuitos inclusive a educação. Assim como cita Souza et al. (2003) “até os anos de 1960, a maior parte dos trabalhadores do ensino gozavam de uma relativa segurança material, de emprego estável e de um certo prestígio social”.

Pelo fato de que a educação não consegue pagar sua dívida com a sociedade acumulada com o passar dos anos, e não melhorar a distribuição da renda, a crença nela

ofertada é diminuída. Por novas demandas exigidas pela globalização, a educação tenta adequar-se passando por mudanças na sua organização, na sua função e no seu objetivo. Assim como cita Oliveira (2004):

Na transição dos referenciais do nacional-desenvolvimentismo para o globalismo, a educação passa por transformações profundas nos seus objetivos, nas suas funções e na sua organização, na tentativa de adequar-se às demandas a ela apresentadas. Diante da constatação de que a educação escolar não consegue responder plenamente às necessidades de melhor distribuição de renda e, por extensão, saldar a dívida social acumulada em décadas passadas, a crença nessa mesma educação como elevador social é arrefecida (p.1129).

Nos anos 60 ampliou-se o acesso a educação devido às reformas educacionais contidas em leis (LEI Nº 4.024, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1961 - *Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e a* LEI Nº 5.692, de 11 de agosto de 1971 - *Fixa Diretrizes e Bases para o Ensino de 1º e 2º graus, e dá outras providências*) as quais se fundamentaram na argumentação de que a educação é o meio mais estável para a mobilidade social do indivíduo. A educação era compreendida, por estas reformas, como uma ferramenta para a diminuição da desigualdade social.

Com as reformas de 1990, onde a escola se torna um espaço social privilegiado e com isso ela assume com um grande potencial o papel de transformar a sociedade assim como cita Giroux e Simon (1995, p. 95) citada por Maria Helena:

as escolas são formas sociais que ampliam as capacidades humanas, a fim de habilitar as pessoas a intervir na formação de suas próprias subjetividades e a serem capazes de exercer poder com vistas a transformar as condições ideológicas e materiais de dominação em práticas que promovam o fortalecimento do poder social e demonstrem as possibilidades de democracia.(p. 95).

A educação tem a equidade social como principal eixo, isto implica mudanças na gestão e na organização das escolas públicas. As escolas passam a formar pessoas para a empregabilidade, já que para se obter um emprego formal é necessário ter a educação como requisito, assim como Oliveira (2004) pondera:

Já as reformas educacionais dos anos de 1990 tiveram como principal eixo a educação para a equidade social. Tal mudança de paradigma implica transformações substantivas na organização e na gestão da educação pública. Passa a ser um imperativo dos sistemas escolares formar os indivíduos para a empregabilidade, já que a educação geral é tomada como requisito indispensável ao emprego formal e regulamentado(...) (p.1129).

Os programas de reformas centralizam a administração escolar elegendo a escola como núcleo do planejamento e da gestão escolar. Com a criação do (FUNDEF) Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do

Magistério, é possível identificar uma nova regulamentação nas políticas educacionais no Brasil, como se observa nas palavras de Oliveira (2004):

É possível identificar nessas reformas no Brasil uma nova regulação das políticas educacionais. Muitos são os fatores que indicam isso, dentre eles é possível destacar: a centralidade atribuída à administração escolar nos programas de reforma, elegendo a escola como núcleo do planejamento e da gestão; o financiamento *per capita*, com a criação do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento do Ensino Fundamental e de Valorização do Magistério (FUNDEF), por meio da Lei n. 9.424/96; a regularidade e a ampliação dos exames nacionais de avaliação (SAEB, ENEM, ENC), bem como a avaliação institucional e os mecanismos de gestão escolares que insistem na participação da comunidade (p.1130).

A nova reforma influencia diretamente na composição, estrutura e gestão do sistema educacional público. Acompanhando esta influência temos medidas que modificam os aspectos físicos e organizacionais, que têm se fundamentado nos conceitos de produtividade, excelência e eficiência.

Estas reformas estabelecem uma reestruturação do trabalho do professor, fruto de diferentes fatores presentes na gestão e organização escolar. O professor acaba respondendo por exigências que a ele não cabe devido a sua formação, e muitas vezes os mesmos acabam desenvolvendo funções como: assistente social, psicólogo, advogado, entre outros. Assim concordamos com as palavras de Oliveira (2004):

O professor, diante das variadas funções que a escola pública assume, tem de responder a exigências que estão além de sua formação. Muitas vezes esses profissionais são obrigados a desempenhar funções de agente público, assistente social, enfermeiro, psicólogo, entre outras. Tais exigências contribuem para um sentimento de desprofissionalização, de perda de identidade profissional [...] (p.1132).

Atualmente o trabalho do professor ultrapassou a intervenção no processo de construção do conhecimento. Sua função profissional está tanto dentro quanto fora da sala de aula. Além de ensinar, o professor participa do planejamento e da organização escolar, precisando assim de uma dedicação mais ampla, estendendo-se para a comunidade, a fim de garantir uma articulação entre a sociedade e a escola.

Contudo, o êxito do sistema educacional depende do perfil do professor, na medida em que não são fornecidos os meios pedagógicos suficientes para realizar suas tarefas pela administração escolar, o mesmo busca pelos seus próprios meios as formas de qualificação, que reproduzem um aumento da jornada de trabalho que não é reconhecido e não é remunerado.

No Brasil, menos da metade dos professores tem dedicação exclusiva assim como retrata o jornal O GLOBO em 06/2014:

Menos da metade dos professores de ensino fundamental no Brasil pode se dar ao luxo de trabalhar num único colégio. O dado, revelado pela Pesquisa Internacional de Ensino e Aprendizado (Talis, na sigla em inglês) da OCDE, o clube dos países mais desenvolvidos, joga luz sobre um problema que, de acordo com especialistas, afeta diretamente a qualidade da educação. Segundo o levantamento, que a OCDE realizou junto a cem mil professores em 34 países e cujos resultados apresenta hoje em Paris, apenas 40% dos docentes brasileiros que atuam nos primeiros anos do ensino têm dedicação exclusiva, contra 82% na média das nações pesquisadas.

Uma boa parte dos professores trabalha em mais de uma escola para melhorar a renda familiar. Boa parte é contratada por um tempo determinado e muitos têm outras atividades além da docência. Isso traz empecilhos para a formação continuada, para o adequado planejamento das aulas, para a participação na vida administrativa e organizacional da escola, e para a convivência e conhecimento das necessidades dos estudantes. Tudo isso interfere na qualidade do trabalho do professor, diminuindo a qualidade no ensino.

3 – Método e estratégias de pesquisa.

São muitas as maneiras de se proceder com uma pesquisa, como por exemplo: experimentos, levantamento de dados, pesquisas históricas, análises de documentos entre outros.

Para o presente trabalho será utilizado o estudo de caso, que consiste num método qualitativo, que serve para responder questionamentos em que o pesquisador não tem controle sobre o assunto estudado. Assim com cita Yin (2001)

“Em geral, os estudos de caso representam a estratégia preferida quando se colocam questões do tipo "como" e "por que", quando o pesquisador tem pouco controle sobre os eventos e quando o foco se encontra em fenômenos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. (p.19)

Este estudo ajuda-nos a compreender melhor as mudanças e os fenômenos individuais, e os processos organizacionais da sociedade, também usado como ferramenta para podermos entender os motivos e as formas que chegamos a determinadas decisões. É um estudo empírico no qual busca testar uma teoria, muito útil quando o fenômeno a ser estudado não pode ocorrer fora do contexto onde ocorre naturalmente.

O estudo de caso se divide em: exploratório (quando se quer encontrar informações preliminares sobre o assunto estudado), descritivo (que descreve o problema), e analítico (problematiza ou produz novas teorias que irão problematizar seu

objeto ou desenvolver novas teorias). O presente trabalho tentou desenvolver, dentro de uma lógica e coerência, elementos dessas três etapas.

Este estudo investiga um fenômeno contemporâneo partindo de seu contexto atual, usando algumas fontes de evidências. Segundo Yin (2001).

“O estudo de casos é uma forma de se fazer pesquisa social empírica ao investigar se um fenômeno atual dentro de seu contexto de vida-real, onde as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas e na situação em que múltiplas fontes de evidência são usadas”. (YIN, 2001, p.32-33)

Esta pesquisa se enquadra na modalidade de estudo de caso porque apresenta as seguintes características:

- É uma pesquisa de um contexto atual;
- É uma pesquisa qualitativa;
- Procura investigar causas que dificultam o ensino de química.
- Busca diagnosticar possíveis formas de melhorar o ensino nas escolas;
- Se preocupa com um problema circunscrito em um contexto específico.

O objeto de estudo desta pesquisa é o professor de química e sua atual condição de trabalho, mas a nossa fonte de dados não ficará restrita somente no professor. Relataremos algumas informações obtidas pelos questionários aplicados a diretores, coordenadores e alunos para uma melhor apuração do tema em si.

A pesquisa empírica foi realizada em quatro colégios, sendo dois particulares e dois públicos. A obtenção dos dados se deu por meio de entrevista semiestruturada (no caso dos professores, coordenadores e diretores) e questionário (no caso dos alunos) que foi aplicado aos envolvidos neste ciclo. A escolha de colégios públicos e particulares contribuirá para destacar as eventuais diferenças nas condições de trabalho do professor que podem estar ligadas às formas diferentes pelas quais se organizam e se estruturam os sistemas públicos e privados.

Os colégios que foram utilizados como bases nesta pesquisa se encontram nas proximidades do bairro Jundiá na cidade de Anápolis – GO. Foram observados alguns itens durante as entrevistas como, por exemplo: condições das salas, quantidade de alunos em sala, os recursos didáticos, laboratórios, entre outros requisitos.

Por que escolher estas escolas? Porque elas estão situadas em um bairro tradicional da cidade e atendem alunos de classes sociais distintas. E por atenderem estas classes distintas iremos verificar se existe uma diferença entre elas e como os envolvidos neste contexto se vêm em meio a este cenário.

Durante as visitas antes das entrevistas encontramos algumas instituições que se recusaram a participar das pesquisas dificultando a obtenção de dados, que iriam enriquecer o trabalho. Por uma questão de ética e respeito com os entrevistados e com as instituições, não serão citados os nomes dos professores, estudantes e escolas participantes.

4 – Condições de trabalho do professor e as representações sobre ensino de química

4.1 – A visão dos diretores em relação às escolas:

Neste tópico vamos colocar a visão dos diretores em relação às escolas com as quais ele trabalha, e relatar a percepção deles sobre a qualidade das condições de trabalho e do ensino, especialmente o ensino de química no ensino médio. Seguiremos a seguinte ordem: vamos das escolas estaduais para as escolas particulares.

O primeiro diretor trabalha nesta escola há dez anos, é formado em licenciatura em Química e tem especialização em Gestão Escolar e no Ensino de química. Segundo ele, no suporte para aulas de química são oferecidos datashow, sala de informática, biblioteca, e laboratório de química itinerante.

Ele avalia a atuação dos professores como boa por sempre que possível buscarem novas formas de ensinar, mesmo que às vezes seu tempo seja escasso pelo curto calendário e pelo extenso conteúdo. Considera a atuação dos coordenadores como boa, pois sempre auxiliam os professores no que é possível e tentam organizar a política da escola da melhor forma possível.

A estrutura de escola não é muito boa, mas está passando por reformas, conforme cita o diretor em um trecho de sua entrevista: “Temos uma razoável estrutura física, o salário não é muito bom, e seguimos as orientações da Secretária de Educação de Goiás”.

Do seu ponto de vista um dos principais problemas enfrentados pela gestão do ensino é a falta de autonomia em administrar a escola em alguns casos e cita como exemplo o problema em administrar a verba destinada à escola, pois segundo ele se certa verba vem para a construção de um banheiro, esta mesma verba não pode ser utilizada para uma reforma emergencial de uma sala.

E como forma de melhoria, sugerida do ponto de vista da direção para o ensino seria a implantação de uma carga horária maior, dando mais tempo para o professor trabalhar a matéria, a construção de laboratórios para uma melhor fixação da matéria, e a implantação de monitorias para auxiliar no ensino.

Na segunda escola pública visitada o diretor já trabalha há trinta anos. Ele começou nesta escola como professor, é formado em História com especialização em História contemporânea do Brasil e Planejamento Educacional.

Esta escola possui como recursos didáticos: livros, material químico, e um carrinho com reagentes e vidrarias que serve como um laboratório móvel. Segundo o diretor a escola mesmo com poucos recursos oferece um ensino de boa qualidade e está sempre caminhando para melhorar.

O mesmo avalia a atuação do professor como regular, pois ele acha que os professores poderiam fazer mais para melhorar o ensino como, por exemplo: cursos de capacitação, busca de alternativas de ensino, entre outros. Contudo, a escola não oferece esses cursos. Para ele a coordenação está dando um bom suporte no ensino e fazendo um bom acompanhamento com os professores no auxílio para a educação.

No que se refere à avaliação sobre o suporte ao ensino, ele se diz incentivador uma vez que incentiva os professores a fazerem cursos de formação e em específico no ensino de química. As condições oferecidas aos professores não são das melhores, a estrutura física passou por reforma, as salas são amplas, o salário depende da formação de cada professor.

O diretor cita como principais problemas que dificultam o ensino em sua escola a falta de incentivos dos governos, tanto estadual quanto federal, e a falta de uma remuneração mais digna. E do seu ponto de vista o que poderia melhorar o ensino seria um tempo mais amplo para o professor planejar uma boa aula, assim como mais recursos para investir na escola como um todo.

Até agora observamos somente a opinião de diretores que trabalham em escolas estaduais e a partir daqui iremos expressar a opinião dos diretores que trabalham nas escolas particulares.

O primeiro diretor já esta nesta instituição há mais ou menos 26 anos. À princípio atuou como professor e hoje está à frente da direção. É formado em Medicina Veterinária pela UFG e Pedagogia pela Uni Evangélica.

Esta escola oferece como material didático: livros, livros específicos para aulas praticas (Sistema Poliedro). Segundo a direção, a educação oferecida aos alunos é de

ótima qualidade, como cita o diretor em um trecho de sua entrevista: “A educação oferecida é de ótima qualidade, no ultimo ranking ENEM a nossa escola situa-se em 11º no Estado de Goiás e entre as 20 melhores instituições do Centro-Oeste”.

Avalia a atuação dos professores entre bom e ótimo, e afirma que a instituição sempre busca atingir o máximo nível de qualidade e que os professores sempre foram importantes neste contexto.

Sua avaliação em relação à atuação do diretor no suporte ao ensino de química, é de que busca incentivar e empenhar-se para atingir e superar metas em busca de um padrão de excelência. Participou da criação do laboratório de ciências (2004), e está implantando na 1º e 2º series do ensino médio aula prática a partir do 2º semestre de 2014. Classifica como satisfatórias a estrutura física, os materiais e os recursos didáticos, e afirma que a remuneração da escola esta acima da média dos salários pagos na rede privada.

Relata como principais problemas de gestão do ensino na sua escola a redução do envolvimento e compromisso dos docentes com o padrão de qualidade calcado pela instituição; menor motivação dos alunos com o trabalho escolar; falta de uma política séria na educação; e profissionais com formação deficiente e desmotivados.

Sugere como uma melhoria no ensino a implementação de políticas sérias, com valorização do professor, sólida formação dos docentes, fórmulas já adotadas com sucesso, abandonando praticas ideológicas ultrapassadas que só perpetuaram o fracasso do sistema escolar.

Na segunda instituição particular o diretor é formado em História (UFG) e em Direito (Uni Evangélica), trabalha na instituição há mais ou menos 17 anos e além de diretor também ministra aulas durante alguns dias da semana. Esta escola oferece como recursos didáticos para o ensino de química, lista de exercícios e experimentos químicos.

Considera que a escola oferece uma educação de boa qualidade, pois buscam ajudar os alunos da melhor forma possível, assim como os professores, que são dedicados e compromissados com a escola. A direção avalia a atuação dos professores como excelente, pois eles colaboram com a escola em todos os sentidos, e sempre buscam maneiras de melhorar o ensino.

Sua avaliação em relação à sua própria atuação é considerada regular assim como no suporte para o ensino de química, pois segundo ele a instituição procura dar mais enfoque no preparo para o aluno em relação ao ENEM e aos vários vestibulares.

Do seu ponto de vista alguns dos principais problemas que o ensino enfrenta é o pouco espaço e tempo para atividades extraclasse, uma vez que estas atividades seriam importantes para uma boa fixação da matéria pelo aluno. E sugere como melhoria no ensino, uma forma de trabalhar o conhecimento de forma mais ampla, pois só assim o aluno saberia assimilar o ensino aprendido na escola com a realidade. Assim como ele cita em uma parte de sua entrevista: “deixar de focar apenas em vestibulares e Enem e trabalhar o conhecimento de forma mais abrangente...”

Como podemos observar neste tópico temos duas realidades diferentes. De um lado, a realidade da escola particular, como foco no vestibular. De outro, temos os diretores das escolas públicas que tentam manter a escola da melhor forma possível mesmo diante da falta de autonomia. Vimos anteriormente que as escolas mantidas pelo governo recebem recursos engessados para sua manutenção, e vimos também que às vezes estes tramites são lentos e burocráticos.

E essa lentidão para o trabalho da direção não é bom, uma vez que se este “recurso” não chegar no tempo hábil a direção tem que procurar alternativas para suprir esta necessidade, e esta necessidade pode ser, por exemplo: um datashow precisando de conserto, alguns livros novos para a biblioteca, a merenda escolar, entre outros. Com o diretor fora da escola buscando alternativas para manter a escola, seu trabalho se acumula, e com isso sobrecarrega a coordenação, que sobrecarrega os professores, causando com isso um efeito cascata, atrapalhando o caminhar da escola.

Já na escola particular não há tanto problema assim, pois a escola tem autonomia sobre onde e como usar os recursos oriundos das mensalidades dos alunos, e esta liberdade facilita muito o trabalho do diretor desta instituição, bem como tende a viabilizar melhores condições de trabalho.

4.2 – A visão dos coordenadores em relação às escolas:

Para os coordenadores seguiremos a mesma ordem de respostas aplicada aos diretores, primeiro começaremos com as instituições públicas para depois passarmos para as instituições particulares. Neste tópico, teremos apenas três opiniões dos coordenadores, uma vez que um dos coordenadores das instituições particulares escolhidas preferiu não participar da entrevista.

Na primeira instituição a pessoa responsável pela coordenação é formada em Licenciatura curta em Ciências Físicas e Biológicas e fez especialização em

Metodologia de Matemática pela UEG e trabalha há aproximadamente 12 anos nesta instituição.

Nesta instituição é oferecido um laboratório de informática e uma biblioteca com um acervo razoável de livros, como recursos no ensino de química. A coordenação considera como boa a qualidade da educação oferecida pela instituição, pois a instituição busca atender os alunos da melhor forma possível.

As condições de trabalho seguem o padrão do Estado em relação ao salário, assim como cita em um trecho de sua entrevista: “... a remuneração é padrão do Estado de Goiás. A parte pedagógica segue o mesmo padrão e quanto aos recursos didáticos a escola conta com um grande acervo sem problemas e a estrutura física do prédio está em reforma.”

Classifica como razoável a atuação da coordenação, pois considera que sua formação não é para assumir este cargo a frente de uma escola, mas tenta trabalhar da melhor forma possível buscando sempre o crescimento da escola. Avalia como ótima a atuação tanto do diretor quanto dos professores de química. Como o diretor da escola também é formado em química, ele sempre busca mecanismos para auxiliar no ensino de química.

Do ponto de vista da coordenação um dos principais problemas pedagógicos que o ensino enfrenta é o novo processo de avaliação do Estado de Goiás. Uma vez que todas as escolas públicas têm que seguir este modelo, elas ficam sem autonomia para avaliar se o ensino está se desenvolvendo de maneira adequada e se o aluno está conseguindo compreender este conteúdo. E sua sugestão para a melhoria do ensino seria o ensino baseado no construtivismo e que a avaliação fosse de autonomia da equipe pedagógica da escola.

Na nova forma de avaliação do Estado, o aluno é avaliado de forma contínua, ou seja, ele é avaliado por presença em sala de aula, por trabalhos escolares, por participações nas aulas, e por provas, e o último item não tem muito peso. E quando o aluno não atinge a nota para cada semestre ele passa por um processo de progressão que é conhecido como PIA. Este programa tem como função a recuperação da nota pelo aluno que não alcançou sua nota semestral.

Na segunda instituição pública, a pessoa responsável pela coordenação é formada em Ciências Contábeis e Matemática pela UEG e não tem especialização, trabalha nesta instituição há aproximadamente 18 anos. Considera que a qualidade do

ensino oferecido é muito boa, uma vez que a instituição oferece muitos recursos que auxiliam no trabalho do professor.

A instituição oferece como recursos didáticos: livros; cópias para confeccionar as atividades; datashow; DVD; televisores em sala de aula; e o carrinho da química (laboratório itinerante). Avalia a atuação dos professores como razoável, pois acha que os mesmos não tem o tempo necessário para preparar e ministrar uma boa aula, além do fato do conteúdo ser muito extenso.

Avalia a atuação da direção como boa, dentro do que compete a direção, e na sua própria avaliação se considera boa, uma vez que procura sempre pontuar e exemplificar meios para promover um crescimento tanto do ensino quanto da escola. As condições de trabalho oferecidas seguem da seguinte forma: remuneração péssima, estrutura física materiais e recursos didáticos muito bons.

Em relação aos problemas pedagógicos a coordenação, pondera como um dos principais problemas os alunos deficientes de conteúdos primordiais para o ensino e professores desestimulados e às vezes descompromissados com a escola ou instituição. E sugere, do ponto de vista pedagógico, uma das formas de melhoria no ensino que seria a seleção de conteúdos, pois assim o professor teria mais tempo para trabalhar o conteúdo, a implantação de aulas práticas para auxiliar o aluno a vivenciar na prática o que ele tem apreendido na teoria, e uma valorização salarial digna para os professores.

Na instituição particular a pessoa responsável pela coordenação é formada em Pedagogia com especialização em Educação Infantil e Psicopedagogia, e já está nesta instituição há quase 4 anos. Considera como satisfatória a qualidade da educação oferecida pela escola.

As condições de trabalho oferecidas pela escola são consideradas boas, pois contam com: livros, tabelas, datashow e um laboratório. Assim como a coordenadora cita em um trecho de sua entrevista: “O colégio tem um laboratório equipado, bons professores que podem usar tanto os livros didáticos adotados quanto o datashow, para motivar suas aulas”.

A coordenação classifica como satisfatória as atuações dos professores, diretor, e a própria coordenação, pois ambos trabalham buscando sempre o melhor para a escola e dando o suporte necessário para os alunos em relação às dúvidas das matérias.

Cita como um dos principais problemas pedagógicos para o ensino a competição dos professores com a tecnologia, pois ultimamente os alunos tem acesso a informações de forma mais rápida dentro das escolas e os professores não conseguem acompanhar

esta evolução, e em algumas escolas tem-se projetos para o uso da tecnologia, mas alguns professores não conseguem trabalhar com estas tecnologias, para a coordenação o professor tem que se dedicar ao máximo para conseguir despertar maior interesse e envolvimento dos alunos em relação às matérias.

E como melhoria ela sugere que a escola sempre tenha professores comprometidos e motivadores da aprendizagem, pois só assim os professores conseguiriam despertar um maior interesse dos alunos.

Fazendo uma breve avaliação, a coordenação tem papel fundamental no funcionamento da escola, pois é ela que trabalha como a engrenagem mestra deste sistema. E para desenvolver um trabalho adequado a escola tem que oferecer as condições necessárias para uma boa coordenação, mas se as condições não forem boas, o trabalho da coordenação acaba interferindo diretamente no trabalho dos demais envolvidos.

4.3 – A visão dos professores em relação às escolas.

Neste tópico, iremos descrever a visão dos professores em relação às escolas em que trabalham e quais são as suas ideias e suas frustrações com o seu ambiente de trabalho. Como em algumas escolas temos mais de um professor, neste tópico em alguns casos teremos mais de uma opinião sobre a mesma escola, e seguiremos a mesma ordem dos tópicos anteriores.

Na primeira instituição pública a professora trabalha há quase um ano e é formada em Licenciatura Plena em Química pela UEG e Pós Graduação em Docência Universitária pela Faculdade Católica de Anápolis, seu regime de trabalho é de 17 horas / aula.

De acordo com a professora, a escola oferece um ensino com qualidade muito boa, pois a escola oferece bons recursos didáticos que auxiliam o professor na sua atividade diária. Para ela a escola possui uma estrutura física boa e oferece recursos didáticos e materiais necessários para uma boa aula como: livros, laboratórios de informática, biblioteca, e mesmo sem laboratórios de ciências oferece projetos com materiais de uso do cotidiano que auxilia no ensino de química.

Considera a qualidade das aulas de química boa, mas ressalva que podem ser mais diversificadas, pois considera que o tempo é escasso para poder planejar aulas

interessantes para os alunos e deixar de usar somente quadro negro e o giz. Diz que sua atuação como professora é boa, mas tem que melhorar em alguns aspectos.

Relata que a maioria dos alunos não tem interesse, dificultando o aprendizado dos alunos interessados, e indica como um dos fatores a tecnologia que hoje está inserida na sala de aula, seja ela por celular ou tablet, ela sempre acaba interferindo no ensino. Avalia como boa a atuação da coordenação, pois para ela a coordenação sempre ajuda no que é necessário dando um bom suporte para os professores e para a direção também.

Do ponto de vista dos professores, um dos principais problemas relacionados ao ensino é a falta de um laboratório para relacionar a teoria com a prática sempre que possível e a falta de professores preparados para trabalhar de forma interdisciplinar, como cita um (a) professor (a) em parte de sua entrevista: “[...] nem sempre o professor está preparado para atuar de forma interdisciplinar relacionando o conteúdo com a realidade dos alunos. Na maioria das vezes, o livro é o único recurso didático”.

E, perguntado o que poderia ser feito para melhorar o ensino de química, a professora respondeu que poderia ter mais planejamento das aulas tornando-as mais dinâmicas e também mais interesse de aprendizagem por parte dos alunos, pois para eles, uma parte razoável dos alunos perdeu o interesse na aprendizagem.

Na segunda instituição pública o professor é formado com mestrado pela Universidade Estadual de Goiás, e trabalha nesta instituição há aproximadamente 4 anos, e sua carga horária é de 24 horas/aula. Considera as condições de trabalho oferecidas como regulares, como cita em parte de sua entrevista: “condições regulares visto que falta estrutura física como laboratório e tempo para que os conteúdos sejam trabalhados mais cuidadosamente”.

Avalia como boa a qualidade do ensino porque a escola oferece bons profissionais, tem uma média considerável, e não tem graves problemas relacionados aos alunos. Em relação às condições de trabalho em específico, considera bons o datashow, os livros, TV's em algumas salas de aulas, e algumas vidrarias e reagentes, mas reclama que por falta de espaço o acesso a estes itens é dificultado.

Perguntado sobre a utilização de recursos para as aulas o professor responde da seguinte forma: “Sempre que possível trabalho com materiais alternativos para facilitar a experimentação, porém com o currículo extenso e pouco tempo para trabalhar os conteúdos, a experimentação fica em segundo plano”.

Avalia a atuação de professor como boa, pois tenta fazer o possível para motivar e aumentar o interesse dos alunos para uma matéria considerada difícil, mas ressalva que não é tarefa fácil. Considera o envolvimento dos alunos como significativo, mas que varia de turma para turma.

Ressalta que a direção é presente no processo de ensino - aprendizagem e que sempre acata as ideias e ou sugestões tanto dos professores quanto da coordenação para melhorar alguns aspectos na escola. Cita como um dos principais problemas em relação à gestão a falta de autonomia da escola, mas que estas exigências são da Secretaria de Educação. E os principais problemas em relação ao ensino são a falta de interesse dos alunos pelo ensino, e que os alunos acham que não conseguem utilizar os conteúdos apreendidos no dia-a-dia.

Sugere como uma possível melhoria no ensino a revisão do currículo retirando alguns conteúdos para que as matérias selecionadas sejam trabalhadas de forma mais ampla, a melhoria na estrutura como a construção e ativação de laboratórios de ciências, e aulas de monitorias em contra turno voltado para avaliações externas, como Enem e Vestibulares.

Na primeira instituição particular tivemos opinião de dois professores sendo que um professor tem graduação em Licenciatura em Física e o outro graduado em Licenciatura em Matemática e ambos os professores são pós-graduados em Ciências com Habilitação em Química pela UEG, um dos professores esta na escola há mais de dois anos e o outro professor há quase oito anos nesta instituição. Ambos consideram que a qualidade de ensino oferecida é excelente porque a instituição tem uma excelente estrutura física que facilita o trabalho do professor, assim como cita um dos professores em parte de sua entrevista: “As condições de trabalho são muito boas, a escola possui uma excelente estrutura física e recursos didáticos satisfatórios”.

Eles só utilizam os recursos oferecidos pela escola, pois consideram os mesmos satisfatórios, julga que a quantidade de aulas também é suficiente para suprir as necessidades da matéria. No caso específico de química as condições oferecidas para eles é de ótima qualidade e ainda contam com um laboratório de química que ajuda no ensino de química, e a instituição oferece uma aula experimental por semana a partir do 9º ano.

Avaliam que os alunos têm um bom envolvimento nas aulas e que também são comprometidos com as atividades passadas. Segundo eles a coordenação e a direção

sempre estão dando o suporte necessário para os professores, e que ambos estão dispostos a auxiliar o ensino sempre que solicitados.

Em relação à gestão os professores relatam que não tem problemas que interferem no ensino de química. A opinião deles diverge a respeito dos principais problemas pedagógicos no ensino de química, pois para um o problema é ensinar para uma sala com um número muito grande de alunos e a opinião do outro é de que os alunos sentem muita dificuldade nesta matéria, pois, para muitos é algo “novo”.

Sugerem como uma possível melhora no ensino a abordagem de conceitos básicos de química a partir da 2º fase do ensino fundamental e a complementação do ensino teórico com aulas experimentais porque o ensino experimental serve de comprovação da teoria.

Na segunda instituição particular também tivemos a opinião de dois professores sendo que um já trabalha nesta escola há mais de vinte anos e o outro há aproximadamente dez anos. Um é formado em Engenharia Agrônômica-Florestal (UNB), mestrado em Química de solos (UFRRJ), e graduação em Licenciatura em Química pela Universidade Católica do Distrito Federal. O segundo professor é formado em Farmácia (UFG), Licenciatura em Química (UCB), e Especialização em Ensino de Química.

Para eles o ensino oferecido é de boa qualidade porque eles contam com uma boa estrutura, bons professores, os recursos didáticos estão sempre disponíveis, e sempre têm o suporte necessário para uma boa aula, ambos usam somente os recursos oferecidos pela escola.

Consideram o ensino de química aplicado nesta escola como bom dentro de um planejamento prévio, pois como o conteúdo é extenso, e não há espaços para improvisos. Mas, para um destes professores o laboratório não se torna necessário neste ensino, somente para o ensino superior, assim como citação abaixo deste professor: “Em minha opinião, laboratório só é necessário no curso superior, pois vários experimentos podem ser feitos em sala de aula utilizando materiais do cotidiano”.

Em relação à atuação de ambos como professores, se consideraram bons, pois sempre buscam maneiras de inovar o ensino de química, mas um deles fez um comentário ressaltando que a universidade não prepara realmente um professor porque ficam na teoria, assim como fica evidente em parte de sua entrevista: “Só aprendi teoria na Universidade, o resto aprendi no dia-a-dia de sala de aula, todas aquelas teorias pedagógicas são uma

“furada”, e que nos como professores realmente não estamos preparados para enfrentar uma sala de aula assim que saímos de uma Universidade”.

Ambos consideram atuantes os coordenadores e diretores em relação ao suporte para o ensino de química uma vez que sempre que precisam da ajuda deles eles estão prontos para auxiliar no que for necessário.

Sobre os problemas do ensino os professores têm opiniões diferenciadas, pois para um o problema da gestão está no custo das aulas de laboratório e a exigência de um pequeno número de alunos por aula, e para o outro é a falta de disciplina que atrapalha o rendimento das aulas. Já para os problemas relacionados aos elementos pedagógicos, um relata que a presença de alguns alunos com deficiência em matemática às vezes dificulta o aprendizado, mas para outro o excesso de conteúdo é o principal problema do ensino.

Agora ambos sugerem como uma possível melhora do ensino de química a reestruturação dos conteúdos porque com a diminuição dos conteúdos o tempo fica maior para poderem trabalhar as matérias de forma mais ampla, não precisando correr com o conteúdo melhorando a aprendizagem dos alunos.

Como vimos com os professores a situação da escola privada, em relação à escola pública, é um pouco diferente, uma vez que eles estão ligados diretamente com o ensino ministrado na escola, e não é somente as condições de trabalho que interferem no seu trabalho, pois temos o contexto histórico de cada aluno, se o aluno trabalha ou não, e entre outros assuntos.

Mas neste trabalho estamos verificando as condições de trabalho dos professores, e na obtenção dos dados observamos que estes profissionais tanto da escola pública quanto das particulares enfrentam algumas situações e problemas semelhantes, e como exemplos. podemos citar o uso inadequado da tecnologia dentro das escolas, o desinteresse, o currículo extenso.

Por outro lado, a remuneração não aparece como um fator negativo para os professores das escolas particulares, assim como a ausência de laboratórios parece ser um problema que atinge mais as escolas públicas. Sabemos que muitos professores acabam apontando a falta de um laboratório para o complemento de suas aulas, mas também sabemos que o professor é um profissional, e mesmo com limites, ele busca alternativas para melhorar a qualidade de suas aulas.

4.4 – A escola segundo a visão dos estudantes:

Neste tópico a ordem das escolas irão continuar as mesmas, mas para os alunos a forma de levantamento das informações foi um pouco diferente. Ao invés de uma entrevista semiestruturada, foi aplicado um questionário, onde foram indagados sobre a estrutura da escola e sobre as aulas de química. A avaliação tem a classificação que vai de ótimo até péssimo. Este questionário foi aplicado em salas do 3º ano do ensino médio, pois seguimos a ideia de que a maioria destes alunos já frequentava a escola há mais tempo e poderiam se posicionar com mais segurança em relação às perguntas.

Em relação à estrutura da escola foram avaliados os seguintes itens: estrutura física, laboratório de ciências, laboratório de informática, bibliotecas, salas de aula, condições de trabalho do professor, e qualidade da educação oferecida pela escola. Já em relação às aulas de química foram avaliados os seguintes itens: Domínio de conteúdo do professor, capacidade de explicação do professor, recursos didáticos, aulas praticas, qualidade das aulas de química, e o envolvimento dos alunos nas aulas.

Em uma das instituições publicas, a faixa etária dos alunos fica entre 17 e 25 anos, e a avaliação dos alunos sobre a estrutura da escola ficou entre regular e péssimo. Na opção de laboratório de ciências eles não opinaram por não ter um laboratório na escola em que frequentam. As respostas para as aulas de química ficaram variando de bom à ruim, e na opção sobre as aulas praticas os alunos também não opinaram.

Alguns alunos complementaram o questionário ressaltando que não há nada de bom nas aulas, pois o professor utiliza apenas o quadro e o giz, reclamam que os professores não diversificam as aulas, e alguns sugerem mais vontade tanto dos alunos quanto dos professores e que os governos estabeleçam melhores condições de ensino. Outros alunos colocaram como um problema a falta de um laboratório para poder relacionar a teoria com prática.

Em outra instituição pública a faixa etária dos alunos está entre os 17 e 21 anos, e a avaliação deles em relação à estrutura da escola ficou situada entre bom e ruim, e assim como na outra escola publica os alunos não opinaram em relação ao laboratório de ciências. Entre bom e regular foi a maioria das respostas para as aulas de química, mas alguns alunos citaram como um dos problemas destas aulas a falta de material didático, e também a falta de um laboratório.

Para outros alunos um dos problemas da aula são os próprios alunos, por não prestarem atenção nas aulas, e depois colocarem a culpa nos professores, dizendo que eles não sabem explicar a matéria de um jeito mais “fácil”. Como sugestões para uma

melhoria nestas aulas foram citadas a construção de um laboratório de química, e de melhores recursos didáticos, e que os próprios alunos levassem a sério as aulas tirando melhor proveito do conteúdo em geral.

Agora, em uma das instituições particulares a faixa etária dos alunos ficou entre 16 e 19 anos, e a avaliação deles em relação à estrutura da escola ficou estabelecida entre ótimo e bom na maioria das respostas obtidas. E as avaliações variaram de ótimo a regular no que diz respeito às aulas de química.

Alguns alunos sentem falta de aulas práticas, mesmo tendo laboratório na instituição. Para eles, seriam necessárias mais aulas, e sugerem aulas práticas em regime de aulas extras, ou seja, aulas fora do horário de aula. Citam também como outro problema a indisciplina de alguns alunos, pois atrapalha os professores nas suas aulas, e sugerem que os professores tornem suas aulas ainda mais interessantes.

Em outra instituição particular os alunos têm a idade entre 16 e 20 anos, avaliam a estrutura da escola entre bom e ruim como resposta da maioria. Para as aulas de química as respostas variaram de ótimo a bom, para a maioria dos alunos.

Alunos relatam que um dos problemas das aulas de química é a supervalorização dos vestibulares no cotidiano da escola, assim como a falta de um laboratório de química para assimilarem melhor os conteúdos. Como solução, apontam que seria necessária a construção de um laboratório, pois acreditam que uma aula de laboratório poderia colaborar para assimilar o apreendido em sala com o cotidiano dos alunos. Relatam que a quantidade de conteúdo é muito grande e é pouco o tempo que tem de aula, o que dificulta a aprendizagem.

De acordo com as respostas dos alunos temos uma visão parcial da dimensão de como as condições interferem no ensino e na aprendizagem dos mesmos. Podemos observar claramente que os alunos que estudam em escolas públicas classificaram as condições de trabalho do professor entre regular e péssimo enquanto os alunos das escolas particulares as classificaram entre ótimo e bom.

E os alunos das instituições públicas são prejudicados pela falta de uma estrutura melhor para o trabalho do professor, e por consequência o professor se vê desmotivado com a estrutura e não busca alternativa para reverter este quadro em que ele trabalha.

Temos vários professores que trabalham em escolas públicas que sempre buscam alternativas para melhorarem suas aulas, e vemos que quando o professor busca estas alternativas os alunos se sentem mais envolvidos pelas aulas e acabam gostando das aulas, mas sem o auxílio necessário por parte da escola e do sistema de ensino em

geral, este empenho acaba sendo em vão e quem sai prejudicado no fim de tudo sempre é o aluno. Portanto as condições de trabalho não são importantes somente para os professores, diretores, e coordenadores. Para os alunos estas condições de trabalho dos professores também são fundamentais.

5 – Conclusão:

Neste trabalho chegamos à conclusão de que mesmo sendo instituições de políticas e normas diferentes, escolas públicas e privadas compartilham os mesmos desafios, mas com formas distintas de trabalhar estes problemas e solucioná-los. Pois de um lado temos as escolas públicas que são mantidas pelos governos e de outro lado temos escolas que dependem do pagamento de mensalidades, ou seja, escolas particulares.

De acordo com os relatos acima, observamos que algumas queixas são tanto das escolas públicas quanto das escolas particulares, e como exemplo temos que o conteúdo é muito extenso e de que o tempo não dá para trabalhar este conteúdo de forma mais ampla com os alunos.

Por outro lado observamos que as escolas públicas passam por dificuldades maiores, mas que tentam suprir esta falta da melhor forma possível, e temos como exemplo a construção de um laboratório de Química ou a adoção de estratégias individuais dos professores.

Outro problema trazido por ambas é a falta de professores comprometidos com a escola e às vezes até desmotivados com a profissão, e com isso os estudantes são os principais prejudicados. E tivemos relatos de professores afirmando que o início da carreira docente é difícil, justificando que a faculdade não prepara o professor de forma adequada.

Um professor com uma remuneração melhor, pode tornar superior à qualidade de seu ensino, pois ele não precisará acumular horas-aula, perder tempo se dedicando em atender outras instituições, podendo se concentrar e conhecer melhor os alunos com quem trabalha e preparar aulas melhores e mais interessantes para seus alunos, além de se dedicar a pesquisa que alimenta o ensino.

Como motivar um professor, como torná-lo mais comprometido com uma educação de qualidade? Isto não é tarefa fácil uma vez que o professor necessita de um

bom suporte da escola, assim como uma boa condição de trabalho para que tenha total liberdade para trabalhar da melhor forma possível.

Enfim, o objetivo destas escolas é fornecer uma educação de qualidade. Contudo, algumas enfrentam dificuldades maiores para manter e oferecer uma boa qualidade no ensino. Com a implantação de uma política que trate a educação com qualidade e não com quantidade, veremos que a educação poderá dar um salto e realmente aplicar um ensino de qualidade em ambiente de trabalho digno para todos os envolvidos neste processo.

A importância de trabalhos como este é que através dos dados obtidos pelas entrevistas possamos buscar meios de melhorar a educação no Brasil, e com isso tornar as escolas mais preparadas para subsidiar a relação entre os alunos e professores, tornando-se um espaço social que efetivamente transforma pessoas.

6 – Referências Bibliográficas:

BRASIL. Ministério da educação. Lei de Diretrizes e Bases da educação, 1996. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CES1303.pdf>. Acesso em: 05 jun.2013.

DAMASCENO, D. *et. al.* A Formação Dos Docentes de Química: Uma Perspectiva Multivariada Aplicada à Rede Pública de Ensino Médio de Goiás. *Química Nova*. São Paulo vol.34 n.9, p.1666-1671, set. 2011.

Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-40422011000900031>. Acesso em: 12 mai. 2013.

DIAS DA SILVA, M. H. G. F.; FERNANDES, M. J. S. *As Condições De Trabalho Dos Professores e o Trabalho Coletivo: Mais Uma Armadilha Das Reformas Educacionais Neoliberais?* VI SEMINÁRIO DA REDESTRADO - Regulação Educacional e Trabalho Docente 06 e 07 de novembro de 2006 – UERJ - Rio de Janeiro – RJ. Disponível em:

http://www.fae.ufmg.br/estrado/cd_viseminario/trabalhos/eixo_tematico_1/as_condicoes_de_trab_do_prof.pdf. Acesso em: 04 mai. 2013.

GASPARINI, S. M.; BARRETO, S.M.; ASSUNÇÃO, A.A. O Professor, as Condições De Trabalho e os Efeitos Sobre Sua Saúde. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n. 2, p. 189-199, maio/ago. 2005.

LICCIARD, N. O Significado Do Trabalho Do Professor e sua relação com a Educação. *Revista UniABC* – v.2, n.1, p. 123 – 133, 2011. Disponível em: http://www.uniabc.br/site/revista/pdfs/3/09_O_Significado_do_Trablhdo_do_Professor.pdf. Acesso em: 04 mai. 2013.

MORIN, E. *Os sete Saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez, 2000

OLIVEIRA, D.A. A Reestruturação Do Trabalho Docente: Precarização e Flexibilização. *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1127-1144, Set./Dez. 2004. Disponível em <<http://www.cedes.unicamp.br>> Acesso em: 18 jun.2013.

QUADROS, A. L. *et. al.* Os Professores de Química Relatando Problemas Enfrentados na Profissão. *Contexto & Educação*, Editora Uniju, Ano 21, n° 26, p.77-93, Jul./Dez. 2006. Disponível em:

<<https://www.revistas.unijui.edu.br/index.php/contextoeducacao/article/view/1097/852>> Acesso em: 01 mai. 2013.

SOUZA, K. R. *et. al.* *Trajetória do Sindicato Estadual dos Profissionais da Educação do Rio de Janeiro (SEPE-RJ) na luta pela saúde no trabalho*. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 8, n. 4, p. 1057-1068, 2003.

YIN, Robert K. *Estudo de caso: planejamento e métodos*. Porto Alegre : Bookman, 2001.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO. A condição dos professores: recomendação Internacional de 1966, um instrumento para a melhoria da condição dos professores. Genebra: OIT/ Unesco, 1984.

UNESCO 1998. Disponível em:

<http://unesdoc.unesco.org/images/0008/000862/086291por.pdf> Acessado em: 20/Julho/2014

DOS SANTOS, André Michels. O modelo taylorista-fordista na Gestão Educacional e Gestão Escolar: suas implicações no sistema educacional brasileiro. Disponível em:

<http://meuartigo.brasescola.com/educacao/o-modelo-tayloristafordista-na-gestao-educacional-.htm> Acessado em: 30/Julho/2014

HELENA, Maria Michels. Gestão, formação docente e inclusão: eixos da reforma educacional brasileira que atribuem contornos à organização escolar. Revista Brasileira de Educação. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782006000300003 Acessado em: 30/Julho/2014

VIEIRA, Leonardo. 60% dos professores no Brasil são obrigados a trabalhar em mais de uma escola, diz estudo. Jornal O GLOBO. Disponível em:

<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/60-dos-professores-no-brasil-sao-obrigados-trabalhar-em-mais-de-uma-escola-diz-estudo-13003976> Acessado em: 01/Agosto/2014

7 – Apêndice:



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
INSTITUTO FEDERAL DE GOIÁS
CAMPUS ANÁPOLIS
LICENCIATURA EM QUÍMICA
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Pesquisa: Condições de trabalho do professor e ensino de química em Anápolis

Pesquisador: Amadeu Monteiro Nascimento Junior

Orientador: Prof. Neville Santos

ROTEIRO DE ENTREVISTA - PROFESSOR

IDENTIFICAÇÃO

1. Qual é sua idade? _____

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Qual é a sua escolaridade?

() 1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto

() 2º grau completo () superior incompleto () superior completo

() pós-graduação

4. Qual é o seu estado civil?

() solteiro () casado () divorciado () separado () viúvo

5. Como você se classifica em relação à sua cor?

() branco () preto () pardo () amarelo () indígena

FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

6. Qual é sua formação? (graduação e pós-graduação, qual foi o curso e a instituição)

7. Já passou por outras escolas antes desta?

8. Há quanto tempo leciona nesta escola?

9. Qual é o seu regime de trabalho/carga horária na escola na escola?

CONDIÇÕES DE TRABALHO E QUALIDADE DO ENSINO

10. Como são as condições de trabalho oferecidas aos professores em geral (remuneração, estrutura física, materiais, recursos didáticos, autonomia, etc.)
11. Como você considera a qualidade da educação oferecida por esta escola?
12. No caso específico do ensino de química, quais são as condições de trabalho oferecidas (laboratórios, recursos didáticos, etc.)?
13. Você utiliza apenas os recursos didáticos oferecidos pela escola, ou lança mão de outros recursos além desses?
14. Como você avalia a qualidade das aulas de química?
15. Como você avalia a sua atuação como professor de química?
16. Como você avalia a participação e o envolvimento dos alunos nas aulas de química?
17. Como você avalia a atuação dos coordenadores no suporte ao ensino?
18. Como você avalia a atuação da direção da escola no suporte ao ensino?
19. Do seu ponto de vista, quais são os principais problemas pedagógicos no ensino de química?
20. Do seu ponto de vista, quais são os principais problemas de gestão que interferem no ensino de química?
21. O que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino de química, tanto do ponto de vista pedagógico quanto do ponto de vista da gestão da escola? De que modo tais mudanças poderiam acontecer?

ROTEIRO DE ENTREVISTA - DIRETOR

IDENTIFICAÇÃO

1. Qual é sua idade? _____
2. Sexo: () Masculino () Feminino
3. Qual é a sua escolaridade?
() 1º grau incompleto () 1º grau incompleto () 2º grau incompleto
() 2º grau completo () superior incompleto () superior completo
() pós-graduação
4. Qual é o seu estado civil?

solteiro casado divorciado separado viúvo

5. Como você se classifica em relação à sua cor?

branco preto pardo amarelo indígena

FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

6. Qual é sua formação? (graduação e pós-graduação, qual foi o curso e a instituição)

7. Já passou por outras escolas antes desta?

8. Há quanto tempo trabalha nesta escola?

9. Qual é o seu regime de trabalho/carga horária na escola na escola?

CONDIÇÕES DE TRABALHO E QUALIDADE DO ENSINO

10. Como são as condições de trabalho oferecidas aos professores em geral (remuneração, estrutura física, materiais, recursos didáticos, autonomia, etc.)

11. Como você considera a qualidade da educação oferecida por esta escola?

12. No caso específico do ensino de química, quais são as condições de trabalho oferecidas (laboratórios, recursos didáticos, etc.)?

13. Quais recursos didáticos são oferecidos pela escola para o ensino de química?

14. Como você avalia a atuação dos professores de química na escola?

15. Como você avalia a sua atuação como diretor(a) no suporte ao ensino, especialmente ao ensino de química?

16. Como você avalia a atuação da direção da escola no suporte ao ensino, especialmente ao ensino de química?

17. Do seu ponto de vista, quais são os principais problemas de gestão que o ensino enfrenta, nesta escola especificamente e em todo o sistema de ensino?

18. Do ponto de vista da gestão, o que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino? De que modo tais mudanças poderiam acontecer?

ROTEIRO DE ENTREVISTA - COORDENADOR

IDENTIFICAÇÃO

1. Qual é sua idade? _____
2. Sexo: Masculino Feminino
3. Qual é a sua escolaridade?
 1º grau incompleto 1º grau completo 2º grau incompleto
 2º grau completo superior incompleto superior completo
 pós-graduação
4. Qual é o seu estado civil?
 solteiro casado divorciado separado viúvo
5. Como você se classifica em relação à sua cor?
 branco preto pardo amarelo indígena

FORMAÇÃO E EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL

6. Qual é sua formação? (graduação e pós-graduação, qual foi o curso e a instituição)
7. Já passou por outras escolas antes desta?
8. Há quanto tempo trabalha nesta escola?
9. Qual é o seu regime de trabalho/carga horária na escola na escola?

CONDIÇÕES DE TRABALHO E QUALIDADE DO ENSINO

10. Como são as condições de trabalho oferecidas aos professores em geral (remuneração, estrutura física, materiais, recursos didáticos, autonomia, etc.)
11. Como você considera a qualidade da educação oferecida por esta escola?
12. No caso específico do ensino de química, quais são as condições de trabalho oferecidas (laboratórios, recursos didáticos, etc.)?
13. Quais recursos didáticos são oferecidos pela escola para o ensino de química?
14. Como você avalia a atuação dos professores de química na escola?
15. Como você avalia a sua atuação como coordenador(a) no suporte ao ensino, especialmente ao ensino de química?

16. Como você avalia a atuação da direção da escola no suporte ao ensino, especialmente ao ensino de química?

17. Do seu ponto de vista, quais são os principais problemas pedagógicos que o ensino enfrenta, nesta escola especificamente e em todo o sistema de ensino?

18. Do ponto de vista pedagógico, o que você acha que poderia ser feito para melhorar o ensino? De que modo tais mudanças poderiam acontecer?

QUESTIONÁRIO - ESTUDANTES

IDENTIFICAÇÃO

1. Qual é sua idade? _____

2. Sexo: () Masculino () Feminino

3. Qual é a sua escolaridade?

() 1º grau incompleto () 1º grau completo () 2º grau incompleto

() 2º grau completo () superior incompleto () superior completo

() pós-graduação

4. Qual é o seu estado civil?

() solteiro () casado () divorciado () separado () viúvo

5. Como você se classifica em relação à sua cor?

() branco () preto () pardo () amarelo () indígena

Com relação à estrutura da escola, avalie os seguintes itens:

6. Estrutura física (prédio): () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

7. Laboratório de ciência: () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

8. Laboratório de informática: () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

9. Bibliotecas: () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

10. Salas de aula: () ótimo () bom () regular () ruim ()
péssimo

11. Condições de trabalho
do(a) professor(a) () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

12. Qualidade da educação
Oferecida pela escola () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

Especificamente sobre as aulas de química:

13. Domínio de conteúdo do(a)
professor(a) () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

14. Capacidade de explicação
do(a) professor(a) () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

15. Recursos didáticos usados
pelo(a) professor(a) () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

16. Aulas práticas
(laboratório) () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

17. Condições de trabalho
do(a) professor(a) () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

18. Qualidade das aulas
de química () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

19. Como você considera o seu
envolvimento nas aulas () ótimo () bom () regular () ruim () péssimo

20. O que há de bom nas aulas de química?

21. Quais os principais problemas nas aulas de química?

22. O que é possível fazer para superar esses problemas?